

Ficha Técnica

TÍTULO

Adolescência(s). Percurso(s) de um tempo inventado

AUTORES

PSIED

EDIÇÃO

CASA PIA DE LISBOA
Centro de Recursos Educativos
Direcção dos Serviços de Educação, Ensino e Acção Social

CAPA E PAGINAÇÃO

PSIED

IMPRESSÃO: A Triunfadora, Artes Gráficas Lda.

DEPÓSITO LEGAL: 238311/06

ISBN: 972-99248-1-3

Fevereiro, 2006

Índice

4	Introdução
	VIDA DA ESCOLA, ESCOLA DA VIDA
6	Escola e Valores <i>José Morgado</i>
	SABERES E DISSABORES
9	Adolescência, Desvio e Crime <i>Rui Abrunhosa Gonçalves</i>
	DA EXPERIÊNCIA À DEPENDÊNCIA
16	Experiências e Dependências. Percursos Juvenis da Toxicodependência <i>Maria do Carmo Gomes</i>
	À PROCURA DE MIM
21	Quando a Vida Desafia o Destino: “B JOY”, Uma História de Vida <i>José Machado Pais</i>
32	Corpo, Trabalho e Estilo de Vida: A Concretização de um Projecto Identitário entre os Profissionais da Tatuagem e Bodypiercing <i>Vitor Sérgio Ferreira</i>

Corpo, Trabalho e Estilo de Vida: A Concretização de um Projecto Identitário entre os Profissionais da Tatuagem e Bodypiercing

Vítor Sérgio Ferreira *

A adolescência, esse tempo recentemente inventado e cada vez mais dilatado nas sociedades ocidentais contemporâneas, é um momento de reconstrução identitária por excelência. Apesar da identidade, hoje em dia, já não ser teoricamente tomada como algo definitivo e cristalizado, mas em constante reestruturação ao longo do ciclo de vida, o facto é que a adolescência marca uma condição de transição onde o jovem ganha (ou, senão, tenta conquistar) alguma autonomia na escolha das suas próprias escolhas referenciais.

Nesse processo de «procura de si», para fazer alusão à temática desta mesa, o corpo, o que com ele se faz e o que dele actualmente se pode fazer, toma um lugar cada vez mais central, investido de um valor de expressão e experimentação individual difícil de ser alcançado por qualquer outro referente identitário. Propriedade de primeira ordem do jovem, que muitas vezes se encontra despojuado de outros potenciais recursos simbólicos, é através do corpo que ele experimenta e se apresenta ao mundo

* Investigador Associado Júnior do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS); Doutorando no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE); Bolseiro de Doutoramento da Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT).

social, sendo também a partir dos signos que o corpo emite que o mundo social se apropria e categoriza o sujeito.

Deste modo, sob formas expressivas de natureza mais imagética ou cinética, o corpo passa a ser investido de um valor de troca simbólica sem par no âmbito na estruturação da identidade social e pessoal dos jovens, dele se servindo, cada vez mais visivelmente, como instrumento simbólico de individualização, de experimentação, de sedução, de emancipação ou até de contestação social.

No trabalho a executar sobre o corpo, os indivíduos têm hoje disponível uma plêiade cada vez mais diversificada de escolhas e opções em termos de *regimes corporais* a seguir. De facto, os anos 90 em Portugal viram expandir e diversificar largamente a indústria de produção e comercialização de design corporal e da imagem. Entre as suas múltiplas actividades – que vão, entre muitas outras, dos cabeleireiros aos ginásios cada vez mais sofisticados, da produção e comercialização de produtos dietéticos até aos anabolizantes – a prática mais ou menos extensiva de tatuagem e/ou de *bodypiercing* difundiu-se e adquiriu uma importante visibilidade social, não só com o alargamento dos seus consumidores, como também, simultaneamente, com a proliferação de estúdios onde essas mesmas intervenções corporais são praticadas, que passaram a pontuar a paisagem urbana.

Quem esteve na génese deste movimento em Portugal? Que condições favoreceram a opção destes jovens pela actividade que hoje em dia desempenham profissionalmente? O que significa *trabalho* para esses jovens?

1. Começando por responder à primeira questão, quem esteve na génese deste movimento em Portugal foram justamente jovens que, na época, começaram por experimentar neles próprios algumas versões mais exacerbadas de corporeidade, fora das tradicionais convenções físicas e simbólicas que regulam e disciplinam socialmente os corpos. São jovens cuja adolescência é sentida como um *ponto de viragem biográfico*, ou seja, um momento marcado por acontecimentos que os levam a tomar uma direcção distinta daquela que estava seguindo. Esse período é por eles percebido como um tempo de *ruptura existencial*, na medida em que se sente que se é outro -- ou que se pretende ser outro -- diferente de si no passado, e diferente dos outros restantes no presente; simultaneamente, é um período narrado como um tempo de *ruptura vivencial*, na medida em que se passa a estar com novos outros, também eles percebidos como diferentes.

São, portanto, jovens que, a dada altura da sua adolescência, encetam um processo de construção de uma subjectividade auto-proclamada como “diferente” e que, em decorrência, começam a sentir dificuldades de enquadramento nos marcos sociais simbolicamente representativos do normativo, dificuldades de

adaptação às tradicionais estruturas sociais onde dominam lógicas prescritivas, rígidas, uniformes, rotineiras e coercivas. Em alternativa a estas, preferem integrar as estruturas performativas que emergem *das e/ou nas* ilhas de dissidência que pontuam os quotidianos juvenis, no quadro de agrupamentos sociais que se pretendem nas “margens” e “alternativos” a um sistema social que contestam e ao qual se opõem de formas mais passivas ou activas.

As ditas ilhas de dissidência que habitam correspondem a novas formas de filiação social, habitualmente designadas de “subculturas”, “contra-culturas” ou, mais recentemente, “tribos”, “ondas” ou “cenas” juvenis. Estes cenários correspondem a estruturas socialmente mais flexíveis, voluntaristas, opcionais e conviviais, baseadas em laços sociais mais afectivos e emocionais que vinculativos.

Por outro lado, são estruturas que disponibilizam, sob modalidades bastante diversificadas, elásticas e plásticas, *estilos de vida escapatórios*⁺⁺⁺ que fogem, ou tentam fugir, aos modelos prescritivos e estandardizados da dita “cultura dominante” ou da própria cultura de origem dos jovens em causa. São espaços em que a ética do desvio é a norma, onde os seus protagonistas encontram disponibilidade à inovação e margem de liberdade para a experimentação. São espaços de deriva, sem grandes princípios de navegação, que glorificam a liberdade, a extravagância, tudo o

⁺⁺⁺ Um *estilo de vida* pode definir-se como um conjunto de práticas através das quais os indivíduos se esforçam por estilizar a sua vida, isto é, fazendo corresponder diferentes domínios da sua vida (alimentação, vestuário, habitação, etc.) com modelos que não emanam necessariamente da cultura dominante.

que possa chocar a moral burguesa mais tradicional, assegurando a possibilidade de romper com o normal, o banal, o saturado, o normativo, o convencional, de se ser original e criativo.

As *cenais juvenis* transportam assim os seus protagonistas para um espaço conectado com uma lógica de *autenticidade*, permitindo-lhes perseguir o que entendem ser a individualidade do seu "eu", projectando-o num universo simbólico onde se descobrem como protagonistas da sua própria trajectória, na medida em que lhes concede a oportunidade de (re)inventar a sua própria identidade pessoal e social. Nestes cenários os jovens sentem que exercitam um poder sobre si próprios, que tomam o destino nas suas próprias mãos, vontade nascida de uma deliberação só possível devido ao desprendimento de amarras que tais contextos sociais propiciam, num dado campo de oportunidades, reivindicações e de utopias.

As designadas "tribos", "cenais" ou "ondas juvenis" tornam-se, portanto, estruturas grupais sedutoras, espaços experiênciais de autonomia pessoal cujas possibilidades tentam constantemente ser ampliadas em imprevisíveis rotas de aventura. Nessas comunidades emergem os valores juvenis mais contestatários, muitas vezes expressivamente manifestos em versões mais exacerbadas da imagem e de corporeidade. Pelo que o corpo de muitos destes jovens passa a ser criativamente investido, adquirindo o estatuto de eixo estruturante da construção da

diferença individual e, simultaneamente, suporte plástico de contestação social.

Assim acontece com os perfuradores de corpos objecto do nosso estudo. São jovens que, naqueles contextos, começaram por utilizar o corpo como instrumento de rebeldia, de desafio, de *violência simbólica* perante as normatividades que (pre)tendem estandardizar a imagem social do juvenil e as instituições que (pre)tendem prescrever normativamente as suas trajectórias de vida, como a família, a escola, o estado ou a religião, por exemplo. Como uma tela, a sua epiderme vai sendo colonizada de objectos e de tintas, dotada de uma densidade simbólica para além da habitual superficialidade normativa da carne, o que concede aos seus portadores uma visibilidade social marcada pela originalidade e a diferença.

A sua pretensão em viver 'na margem' incorpora-se literalmente, com recurso a objectos e a técnicas seculares de marcação corporal, como a tatuagem e o *bodypiercing*, cuja leitura social está desde há longo tempo associada a traços estigmáticos de 'marginalidade', 'agressividade' e 'mutilação'. Apesar de bastante mais difundidas actualmente, são inscrições corporais que continuam a ser socialmente percebidas como excessivas, transgressoras do espaço de limites e possibilidades legítimas de utilização decorativa do corpo, nomeadamente quando os objectos e tintas começam a colonizar largas extensões epidérmicas.

Assim sendo, a incorporação desses recursos continua a ser largamente entendida como um gesto de ruptura não só em relação a uma corporeidade convencional, mas a uma sociedade prescritiva, normativa e disciplinadora. Apesar de corresponder a formas de mobilização corporal que, na sua intenção manifesta, poderão não ser informadas por qualquer espécie de consciência política (para si), são investimentos que acabam por conter implícita uma ideologia radicalmente libertária e emancipatória, indiciadora de uma atitude política (em si) que pressupõe mudança social e cultural, mas induzida de forma atomizada, pessoalizada na intimidade individual ou grupal. E por quê? Porque ao tentarem superar as convenções simbólicas que disciplinam os corpos, estes jovens acabam por forçar a abertura do espaço dos possíveis corporais a novas práticas lúdicas e hedonistas, fazendo emergir novos modelos de corporeidade atravessados por uma ideia *desnaturalizada* do corpo, já não como realidade pré-definida e fixa, intocável e sagrada, ou destino biológico geneticamente herdado, mas como materialidade sujeita a actos de vontade, intencionais, voluntários, planeados, realizando o corpo como uma entidade volátil, compósita, inacabada, como uma *obra aberta*.

Com efeito, se a marca inaugural destes jovens, tenha ela sido tatuagem ou *piercing*, começou por ser encarada como uma experiência, um desafio ou uma estratégia de emancipação, rapidamente eles passaram da experiência ao projecto corporal

reflexivamente organizado e integrado num determinado estilo de vida. Tal acontece quando começam a falar em “gosto” e em “vício”, estando constantemente a formular planos futuros de perfurações e desenhos no corpo, mantendo a regularidade da sua concretização. A este nível, a utilização extensiva de marcas corporais começa então verdadeiramente a constituir uma estratégia de distinção e realização pessoal, onde o espaço liso do corpo assume uma dimensão autoral.

Quer isto dizer que o projecto corporal, quando é encarado como tal, surge frequentemente associado a um projecto identitário de construção e apresentação do *eu*, um projecto reflexivo de individualização social que toma o corpo como território existencial privilegiado para a construção de uma identidade pessoal distintiva. Embora individualmente vivenciado com propósitos singularizadores por parte do indivíduo que o agencia, o projecto corporal é socialmente contextualizado e frequentemente associado a uma *política de vida* ancorada em determinadas visões pessimistas do mundo e da sociedade grupalmente partilhadas.

Daí o facto de os nossos tatuadores e *bodypiercers* entrevistados terem em comum, numa fase inicial da adolescência, a proximidade geográfica, social ou emocional relativamente a determinados grupos sociais vulgarmente conotados com “vidas alternativas”, que passam a ser seus espaços privilegiados de vivência e referência. São grupos onde

se estruturam os seus quadros de interacção nucleares e onde se modelam as suas perspectivas e atitudes perante a vida, funcionando, simultaneamente, como grupo de acolhimento ou aceitação para quem, noutros contextos, não tem facilidade de integração.

2. São estes, para responder à segunda questão formulada há pouco (que condições favoreceram a opção destes profissionais pela actividade desempenhada hoje em dia), os contextos particulares de vida que acabaram por condicionar as suas estratégias de inserção profissional, induzindo atitudes específicas perante o trabalho.

São jovens que, desde a sua adolescência, seguiram rotas de ruptura, de desvios múltiplos, itinerários que não são encarados como os caminhos “mais apropriados”. Tais itinerários abrangem três tipos básicos de trajectórias de vida: uma que decorre do abandono precoce do espaço prescrito da escola depois de uma trajectória educativa relativamente mal sucedida, muitas vezes aproximando-se tangencialmente ou até mesmo mergulhando na delinquência; um outro tipo de trajectória que implica um saltitar constante entre vários cursos ou empregos, sempre sentidos como pouco estimulantes ou até contraditórios relativamente ao projecto identitário do indivíduo, procurando assim uma opção que satisfaça os seus anseios de realização expressiva; ou ainda a opção por trajectórias de formação artística, habitualmente

percepcionadas como socialmente arriscadas, nomeadamente na área das artes visuais, que podem ir até à frequência de cursos superiores e pintura ou cursos médios de fotografia, valências que tendem a ser mais encontradas entre os tatuadores.

Em contextos de vida precários, instáveis, arriscados e flexíveis, estes jovens encontraram no corpo um espaço de permanência, um *topos* de realização pessoal e de expressão utópica dotado de um valor referencial sem par na actual sociedade ocidental. As marcas que extensivamente se multiplicam nos seus corpos asseguram, então, uma relativa consistência e durabilidade identitária. Desta forma, as perfurações corporais são rituais que, no contexto das sociedades contemporâneas ocidentais, já não demarcam propriamente “estatutos de passagem”, como outrora, noutras civilizações, mas que se constituem em marcas de permanência, formas metafóricas de tomar para si próprio as amarras da construção do seu próprio destino. Ao dominar o corpo, sentem que dominam a sua própria vida.

Assim sendo, a passagem destes jovens pelas ditas “tribos juvenis” acaba por não ser tão fugaz, esporádica ou fortuita quanto se poderia prever, enquanto fase de “descarrilamento” juvenil que acaba, mais tarde ou mais cedo, por voltar a entrar nos eixos. É um tempo que tende a ter uma relativa perdurabilidade não apenas através da memória social que o corpo e as marcas nele infligidas constantemente recorda e para onde remete o

indivíduo, mas também através do encontro com a possibilidade de um meio de vida, uma actividade profissional que propicia a concretização de um determinado estilo de vida que se pretende 'dissidente', "alternativo" ou "marginal", através do seu prolongamento na esfera da produção.

Com efeito, não raras vezes as práticas implicadas nesses projectos corporais mais "radicais" tomam ou anseiam tomar a forma de prática profissional, em grande parte decorrente da abertura e alargamento de determinados segmentos de mercado à produção e difusão da 'inovação' e do 'alternativo' como forma de estratégia empresarial com os jovens como público-alvo. Entre os nossos vários entrevistados, apenas uma *bodypiercer* encarava a sua actividade como um "biscate", ou seja, um ponto de passagem para "desenrascar" o companheiro -- que havia ficado sem *bodypiercer* no seu estúdio -- e para se "desenrascar" a ela própria, que via nessa actividade uma forma de arranjar dinheiro enquanto não acabava do seu curso de design e iniciava o seu trajecto profissional nessa área, o seu verdadeiro sonho laboral.

3. Estamos, agora, em condições de responder à terceira pergunta inicialmente formulada: o que significa trabalho para estes jovens que fazem da perfuração corporal, na sua versão de tatuagem ou de *bodypiercer*, o seu meio de vida?

O mercado de trabalho é habitualmente percebido pelos jovens que assumem projectos corporais de contornos mais

exacerbados, como um obstáculo à realização plena do seu projecto identitário. É uma zona social onde entram em jogo constrangimentos normativos dos visuais que levam a que o indivíduo nem sempre pareça o que é, por imperativos da ordem do dever-parecer. É, portanto, um espaço que impele à reflexividade sobre os princípios da realidade (o que posso fazer), do dever (o que devo fazer) e do querer (o que quero fazer), dando azo a interessantes fenómenos de desdobramento identitário no desempenho individual de papéis sociais.

Daí a dimensão profissional ser uma das dimensões da vida quotidiana onde a gestão da visibilidade social das marcas corporais por parte dos seus praticantes é mais notória. Ou seja, onde o acto de exibição ou ostentação das marcas a outrem é bastante ponderado pelos jovens que as detêm, por antecipação de potenciais sanções decorrentes da leitura simbólica que tais marcas poderão ter em determinados contextos ou situações sociais. De facto, é sobretudo no confronto com o mercado de trabalho que se assiste por parte dos nossos protagonistas a uma mais profunda gestão social do projecto (com a dissimulação das marcas), ou até a alguma ou total reconversão do visual. Este, recorrentemente, passa a ser assumido apenas na esfera convivial e do lazer. Daí a valorização por parte destes jovens de actividades profissionais onde as marcas poderão ser não apenas assumidas, como até apreciadas, entre as quais as actividades

relacionadas com o campo da música, por exemplo, ou da própria produção corporal.

Nesta perspectiva, a possibilidade de perfurar corpos, na sua versão de tatuador ou de *bodypiercer*, não é apenas a concretização de um projecto profissional, na medida em que justamente não se sonhou ser *bodypiercer* ou tatuador. É uma possibilidade laboral que não se revela pré-determinada no horizonte convencional de expectativas destes jovens, mas que, a dada altura, se lhes abre como possibilidade de meio de vida.

Mais do que um sonho estritamente profissional, fazer das marcas corporais o seu *métier*, acaba por ser uma oportunidade estratégica para a realização plena de um dado projecto identitário, onde o corpo detém uma importante centralidade enquanto recurso expressivo de uma determinada política de vida, pautada pela liberdade, tolerância, autonomia, autenticidade e singularidade pessoal. Acaba por servir os propósitos de realização de uma subjectividade que se conhece e se quer ver plenamente reconhecida como diferente, singular e autêntica, através da demarcação do “banal” e do “estereótipos” do que é o visual comum, e que, por isso mesmo, habitualmente vê na dimensão profissional um entrave à sua plena assunção e reconhecimento social.

É um meio de vida que permite aos seus protagonistas fugir das coações sociais que normalmente confinam o espaço de exercício de uma actividade profissional tradicional,

possibilitando-lhes a assunção de uma identidade estável e durável, sem ter que sair de si durante uma fase da vida ou uma parte do dia, qual despojo de um “eu oprimido”. É, portanto, uma escolha que tem por motivação primeira assegurar uma margem de autonomia pessoal e de liberdade existencial, que confira espaço de manobra ao desenvolvimento da sua identidade pessoal e do projecto corporal que a espelha. Isto para além de ser também um trabalho valorizado pela margem de independência, criatividade, originalidade, experimentação, ludicidade, comunicação, satisfação pessoal e bem-estar material que proporciona.

Se, num primeiro momento das trajectórias de vida destes jovens, poderá haver alguma dessocialização relativamente ao mundo do trabalho, orientada por um forte ética convivialista e hedonista que os leva a diferir a inserção profissional e a prolongar o mais possível a sua condição juvenil, num segundo momento desenvolve-se um modelo de busca autónoma de inserção profissional, onde se descobrem vocações e capitais sociais e culturais acumulados em socializações de rua e socialmente mais marginais.

Às portas de um mercado de trabalho saturado, lotado, crêem que, ao optar por este rumo de vida, perdem-se os demais, sem grande possibilidade de reversibilidade na trajectória. O que, à partida, poderia ser visto pelos próprios como um facto limitativo, acaba por ser por eles extremamente valorizado, na

medida em que percebem as convencionais estruturas do mercado de trabalho como espartilhos quanto à sua forma de ser, de estar, de se apresentar e de viver. Daí ser uma etapa em que muitas das tatuagens e outras marcas já previstas começam a exceder os limites corporais potencialmente disfarçáveis com o uso de indumentária.

A estilização de que o corpo se reveste acaba por inundar a vida do seu protagonista. Projecto corporal, projecto de vida e projecto profissional fundem-se assim numa unidade individual de sentido subjectivo, como se tudo o que o jovem viveu no passado faça sentido no presente e se projecte no futuro.